

## **Manga com leite - n. 1 - agulhas no palheiro**

*Porcaria na cultura tanto bate até que fura.*

Itamar Assumpção

Como este é o primeiro número desta coluna, talvez eu devesse agradecer o carinhoso convite de nosso desesperado editor ou explicar a escolha do nome "manga com leite". Não vou fazer nada disto, pois não vejo necessidade e seria perda de tempo para ambos, leitor e escritor. Vou então direto ao assunto, ou seja, aquilo que chamo de "literatura virtual", coisa que ainda não existe.

Sempre que procuro novos autores na internet, sinto-me procurando agulhas no palheiro. Temos uma grande quantidade de e-zines, ou páginas dedicadas a publicar autores inéditos, com contos e poesias de diversos tipos e procedências, e que vêm se proliferando a cada dia que passa, tornando a internet o principal espaço para novos escritores mostrarem seus trabalhos. Mas, o que encontramos neste novo espaço?

Basicamente palha, muita palha, em sua maioria palha de péssima qualidade.

Vejo as publicações divididas em dois tipos principais. O primeiro abrange uma série de textos publicados em portais e sites mais consolidados, que possuem uma estrutura profissional, ou semi-profissional, e contam com a colaboração de escritores mais experientes, que já vêm flertando com o mercado editorial há algum tempo. Neles encontramos textos de qualidade, no que diz respeito ao cuidado e acabamento dado pelos escritores, mas que se limitam as regras do "bem escrever" e nada acrescentam ao que podemos encontrar nas livrarias. O segundo tipo é mais precário, tem vida curta e periodicidade esquizofrênica. Feitos por jovens, na maioria dos casos, estes pequenos sites abrigam o que há de mais terrível na tal "literatura virtual" e também escondem o que há de mais interessante. É este paradoxo que torna a procura de bons textos na internet uma tarefa difícil e ingrata.

Poderíamos nos ater aos sites mais famosos e que contam com colaboradores mais maduros, ficaríamos com textos de boa qualidade, mas que ainda fazem parte das palhas, claro que com algumas exceções - o que só complica mais a coisa. Porém, se quisermos o novo, mesmo que seja estranho e quase sempre desagradável, precisamos explorar os sites "marginais", aqueles que dão pau e que são de difícil navegação, aqueles onde um grupo de jovens, ou mesmo um solitário, publicam seus textos repletos de erros de ortografia e gramática, com histórias batidas ou mesmo sem o menor sentido e visivelmente sem a menor preocupação em ter um leitor sequer. É no meio disto que iremos encontrar a possibilidade de uma literatura diferente, nova, ousada e duradoura, como as agulhas que raramente encontramos no palheiro.

## Manga com leite - n. 2 - seis propostas

*E se alguém objetar que não vale a pena tanto esforço, citarei Cioran: "Enquanto era preparada a cicuta, Sócrates estava aprendendo uma ária com a flauta. 'Para que lhe servirá?', perguntaram-lhe. 'Para aprender esta ária antes de morrer.'"*

Italo Calvino

"Estamos em 1985: quinze anos apenas nos separam do início de um novo milênio. Por ora não me parece que a aproximação dessa data suscite alguma emoção particular. Em todo caso, não estou aqui para falar de futurologia, mas de literatura. O milênio que está para findar-se viu o surgimento e a expansão das línguas ocidentais modernas e as literaturas que exploraram suas possibilidades expressivas, cognoscitivas e imaginativas. Foi também o milênio do livro, na medida em que viu o objeto-livro tomar a forma que nos é familiar. O sinal talvez de que o milênio esteja para findar-se é a freqüência com que nos interrogamos sobre o destino da literatura e do livro na era tecnológica dita pós-industrial. Não me sinto tentado a aventurar-me nesse tipo de previsões. Minha confiança no futuro da literatura consiste em saber que há coisas que só a literatura com seus meios específicos nos pode dar. Quero pois dedicar estas conferências a alguns valores ou qualidades ou especificidades da literatura que me são particularmente caros, buscando situá-los na perspectiva do novo milênio."

Seriam estas as palavras de abertura de Italo Calvino nas Charles Eliot Norton Poetry Lectures, se não fosse sua morte. Felizmente, Calvino deixou escritas cinco destas conferências, que serão o tema das próximas colunas. Por enquanto, gostaria de tratar desta abertura.

Já chegamos ao novo milênio e me parece ser justificável o fato de não ter havido nenhuma emoção particular em relação a isto, afinal apenas mais um ano se passou e continuamos com as mesmas questões, os mesmos problemas e, espero, com os mesmos sonhos. Mas vemos sim, e cada vez mais, o objeto livro sob interrogatório, porém, infelizmente, vemos muito pouco refletir sobre a literatura. Pouco importa se a internet irá acabar com o livro impresso, se irá mudar nossos hábitos de leitura ou coisa do tipo, se nos falta, desesperadamente, o que ler. É por isso que quero compartilhar da confiança de Calvino e discutir "alguns valores literários que mereciam ser preservados no curso do próximo milênio", ou seja, aquilo que a literatura nos dá, apenas ela, e que devemos conservar, até mesmo transcender.

Italo Calvino coloca seis valores nesta categoria, apesar de ter expresso a possibilidade de aumentar este número, que são: leveza, rapidez, exatidão, visibilidade, multiplicidade e consistência, do qual não temos o manuscrito. Creio que todos estes, e talvez mais alguns, são valores importantes para nossas discussões sobre a "literatura virtual" e por isto irei me aprofundar em cada um deles nas próximas colunas.

### **Manga com leite - n. 3 - leveza do pensamento**

*É preciso ser leve como o pássaro, e não como a pluma.*  
Paul Valéry

"Podemos dizer que duas vocações opostas se confrontam no campo da literatura através dos séculos: uma tende a fazer da linguagem um elemento sem peso, flutuando sobre as coisas como uma nuvem, ou melhor, como uma tênue pulverulência, ou melhor ainda, como um campo de impulsos magnéticos; a outra tende a comunicar peso à linguagem, dar-lhe a espessura, a concreção das coisas, dos corpos, das sensações." É esta a oposição leveza-peso colocada por Italo Calvino, que, partindo de uma percepção de que "o mundo inteiro parecia transformado em pedra", defende a "leveza do pensamento".

Ao usar o termo "leveza do pensamento", Calvino deixa claro que não se trata de uma literatura distanciada da realidade, das coisas em si, mas sim de uma literatura capaz de retirar o peso das coisas, tratando de modo preciso e determinado de sua essência, da "alma" das coisas. Este valor, que encontra refúgio principalmente na literatura, está ligado a sua visão da "escrita como modelo de todo processo real". É, então, a partir da palavra que atribuímos significado ao mundo, aquilo que chamamos de real.

Na frase de Valéry fica clara a necessidade da leveza literária refletir uma consciência de si mesmo e uma capacidade de intervenção na realidade, e é este o desafio colocado por Calvino, que a estrutura da narrativa e da linguagem seja capaz de levitar sobre as coisas sem se desfazer como sonhos quando em contato com a realidade presente e futura. Trata-se de uma permanência da literatura como arte que reflete e transforma o mundo ao seu redor, mesmo que este mundo não seja seu tema ou sua sustentação.

Assim, Calvino aponta três acepções distintas para a leveza:

- "um despojamento de linguagem por meio do qual os significados são canalizados por um tecido verbal quase imponderável até assumirem essa mesma rarefeita consistência"

- "a narração de um raciocínio ou de um processo psicológico na qual interferem elementos sutis e imperceptíveis, ou qualquer descrição que comporte um alto grau de abstração"

- "uma imagem figurativa da leveza que assuma um valor emblemático"

Estas são algumas das idéias de Calvino sobre a leveza, na próxima coluna vamos apresentar sua conferência sobre a "rapidez", dando seqüência aos valores literários que merecem ser preservados neste milênio.

#### **Manga com leite - n. 4 - rapidez da narrativa**

*O conto não perde tempo.*  
Contadores de história da Sicília

... "o segredo está na economia da narrativa em que os acontecimentos, independentemente de sua duração, se tornam punctiformes, interligados por segmentos retilíneos, num desenho em zigzagues que corresponde a um movimento ininterrupto." Em sua conferência sobre a rapidez, Calvino deixa claro que prefere "a força sugestiva... em que tudo é deixado à imaginação e a rápida sucessão de fatos empresta um sentido de inelutável". Não há melhor exemplo para o argumento do autor do que a pequena história de Augusto Monterroso:

"Quando acordou, o dinossauro ainda estava lá."

Esta história, que muitos diriam que não passa de uma frase, é um exemplo extremo da economia de recursos que Calvino defende nesta segunda conferência. Com apenas uma frase, Monterroso consegue despertar em qualquer pessoa de imaginação uma série de situações e de cenas que são a verdadeira história que ele quer contar. Claro que isto comporta diversos riscos, pois deste modo o escritor deixa por conta do leitor grande parte da criação e pode ser acusado por críticos mais conservadores de estar negligenciando seu papel de autor; mas isto também ocorre em textos longos e detalhados.

Deste modo, Calvino sai em defesa de um texto direto, pois acredita que as outras mídias, que ganham cada vez mais força e possuem uma velocidade e um alcance espantoso, podem "reduzir toda comunicação a uma crosta uniforme e homogênea". Para ele, "a função da literatura é a comunicação entre o que é diverso pelo fato de ser diverso, não embotando mas antes exaltando a diferença, segundo a vocação própria da linguagem escrita".

"A rapidez de estilo e de pensamento quer dizer antes de mais nada agilidade, mobilidade, desenvoltura...", assim Calvino resume o significado deste segundo valor literário e finaliza sua conferência deixando claro que:

"O trabalho do escritor deve levar em conta tempos diferentes... uma mensagem de imediatismo obtida à força de pacientes e minuciosos ajustamentos; uma intuição instantânea que apenas formulada adquire o caráter definitivo daquilo que não poderia ser de outra forma; mas igualmente o tempo que flui sem outro intento que o de deixar as idéias e sentimentos se sedimentarem, amadurecerem, libertarem-se de toda impaciência e de toda contingência efêmera."

Deixamos o leitor com este parágrafo, para que ele possa refletir. Voltamos na próxima semana para falar da "exatidão", outro valor defendido por Calvino.

## **Manga com leite - n. 5 - exatidão das palavras**

*Ó escritor, com que letras conseguirias relatar a perfeição deste conjunto aqui expresso pelo desenho?*  
Leonardo da Vinci

"Minha escrita sempre se defrontou com duas estradas divergentes que correspondem a dois tipos diversos de conhecimento: uma que se move no espaço mental de uma racionalidade desincorporada, em que se podem traçar linhas que conjugam pontos, projeções, formas abstratas, vetores de forças; outra que se move num espaço repleto de objetos e busca criar um equivalente verbal daquele espaço enchendo a página de palavras, num esforço de adequação minuciosa do escrito com o não escrito, da totalidade do dizível com o não-dizível." Italo Calvino prossegue sua conferência sobre a exatidão expondo como trabalha estas duas estradas: "...oscilando continuamente entre esses dois caminhos, quando sinto haver explorado ao máximo as possibilidades de um deles, logo me atiro ao outro e vice-versa. Assim é que nestes últimos anos tenho alternado meus exercícios sobre a estrutura do conto com o exercício de descrições, esta arte hoje em dia tão negligenciada."

Calvino defende a exatidão das palavras devido a sua percepção de que a linguagem tem sido usada de modo aproximativo, casual, descuidado, e que este flagelo está espalhado em todos os aspectos da vida. Como defesa contra este flagelo o autor vê apenas um caminho, "uma idéia de literatura". Assim, Calvino argumenta que "a palavra associa o traço visível à coisa invisível, à coisa ausente, à coisa desejada ou temida, como uma frágil passarela improvisada sobre o abismo". E continua: "...por isso o justo emprego da linguagem é, para mim, aquele que permite aproximar-se das coisas (presentes ou ausentes) com discricção, atenção e cautela, respeitando o que as coisas (presentes ou ausentes) comunicam sem o recurso das palavras."

Associar o visível ao invisível é um desafio que apenas a literatura pode superar. A palavra certa, exata para dizer sobre as coisas concretas e abstratas é o desafio do autor. Para vencê-lo, o escritor conta com um instrumento poderoso, a linguagem, não apenas a palavra em si, mas também a possibilidade desta em dizer mais do que ela mesma, transcendendo seu significado. Muitas vezes são nas chamadas entrelinhas que o texto se encontra, a história real, a expressão verdadeira do autor. É no não dito, naquilo apenas sinalizado, esboçado, que encontra-se a beleza do poema ou a essência do conto. Porém, deve-se lembrar sempre que são as linhas que formam as entrelinhas, é a exatidão dos termos usados que permite uma compreensão que transcende seu próprio sentido.

Numa tentativa de definição, Calvino aponta a exatidão como: "um projeto de obra bem definido e calculado"; "a evocação de imagens visíveis nítidas, incisivas, memoráveis..."; e "uma linguagem que seja a mais precisa possível como léxico e em sua capacidade de traduzir as nuances do pensamento e da imaginação".

## **Manga com leite - n. 6 - visibilidade do pensamento**

*Chove dentro da alta fantasia.*

Dante

"Podemos distinguir dois tipos de processos imaginativos: o que parte da palavra para chegar à imagem visiva e o que parte da imagem visiva para chegar à expressão verbal. O primeiro processo é o que ocorre normalmente na leitura". Em sua conferência sobre a visibilidade, Italo Calvino revela que seu processo de criação parte do segundo processo: "a primeira coisa que me vem à mente na idealização de um conto é, pois, uma imagem que por uma razão qualquer apresenta-se a mim carregada de significado, mesmo que eu não o saiba formular em termos discursivos ou conceituais. A partir do momento em que a imagem adquire uma certa nitidez em minha mente, ponho-me a desenvolvê-la numa história... à busca de um equivalente da imagem visual se sucede o desenvolvimento coerente da imposição estilística inicial, até que pouco a pouco a escrita se torna dona do campo." Observa também que seu processo de criação literária "procura unificar a geração espontânea das imagens e a intencionalidade do pensamento discursivo".

A principal preocupação de Calvino é preservar o que ele classifica como uma faculdade humana fundamental: "a capacidade de pôr em foco visões de olhos fechados, de fazer brotar cores e formas de um alinhamento de caracteres alfabéticos negros sobre uma página branca, de pensar por imagens".

"Pensar por imagens" significa visualizar aquilo que é dito, aquilo que está expresso por palavras. Não se trata de algo oposto ou incompatível ao "pensar por palavras". Como coloca Calvino, a criação literária deve unificar estas duas expressões do pensamento, atentando para a reversibilidade destes processos imaginativos. Certamente esta é uma tarefa árdua para o escritor, mas nenhuma outra arte pode alcançar resultados tão significativos como a literatura, campo ilimitado para o exercício desta capacidade humana.

Calvino defende que, para ajudar a preservar esta capacidade de pensar por imagens, "o poeta deve imaginar visualmente tanto o que seu personagem vê, quanto aquilo que acredita ver, ou que está sonhando, ou que recorda, ou que vê representado, ou que lhe é contado, assim como deve imaginar o conteúdo visual das metáforas de que se serve precisamente para facilitar essa evocação visiva."

Para formar esta parte visual da imaginação literária, o escritor pode recorrer à diversos elementos concorrentes: "a observação direta do mundo real, a transfiguração fantasmática e onírica, o mundo figurativo transmitido pela cultura em seus vários níveis, e um processo de abstração, condensação e interiorização da experiência sensível, de importância decisiva tanto na visualização quanto na verbalização do pensamento".

## **Manga com leite - n. 7 - multiplicidade do real**

*Sabe quantos livros tive de absorver para os meus dois simplórios? Mais de 1500!.*  
Flaubert

"Entre os valores que gostaria fossem transferidos para o próximo milênio está principalmente este: o de uma literatura que tome para si o gosto da ordem intelectual e da exatidão, a inteligência da poesia juntamente com a da ciência e da filosofia...", Italo Calvino vai mais além e diz em sua conferência sobre a multiplicidade que "a excessiva ambição de propósitos pode ser reprovada em muitos campos da atividade humana, mas não na literatura. A literatura só pode viver se se propõe a objetivos desmesurados, até mesmo para além de suas possibilidades de realização. Só se poetas e escritores se lançarem a empresas que ninguém mais ousaria imaginar é que a literatura continuará a ter uma função". Assim, Calvino aponta que "o grande desafio para a literatura é o de saber tecer em conjunto os diversos saberes e os diversos códigos numa visão pluralística e multifacetada do mundo."

Percorrer todos os caminhos e retratar a essência de cada passo dado, sem limitar suas possibilidades, este é o papel heróico destinado ao escritor. Somente um poeta tem a coragem, o dever, de se lançar a uma odisséia sem fim como esta, abarcar o infinito, moldá-lo e depois nos apresentar sua obra.

Calvino defende o romance como uma "enciclopédia aberta", pois afirma que a única totalidade pensável atualmente é uma totalidade que seja potencial, conjectural, múltipla. Neste sentido, o autor lista alguns exemplos de multiplicidade: "o texto unitário que se desenvolve como o discurso de uma única voz, mas que se revela interpretável a vários níveis"; "o texto múltiplo, que substitui a unicidade de um eu pensante pela multiplicidade de sujeitos, vozes, olhares sobre o mundo"; "a obra que, no anseio de conter todo o possível, não consegue dar a si mesma uma forma nem desenhar seus contornos, permanecendo inconclusa por vocação"; e "a obra que corresponde em literatura ao que em filosofia é o pensamento não sistemático, que procede por aforismos, por relâmpagos punctiformes e descontínuos".

Calvino fecha esta conferência expressando um desejo: "quem nos dera fosse possível uma obra concebida fora do self, uma obra que nos permitisse sair da perspectiva limitada do eu individual, não só para entrar em outros eus semelhantes ao nosso, mas para fazer falar o que não tem palavra, o pássaro que pousa no beiral, a árvore na primavera e a árvore no outono, a pedra, o cimento, o plástico..."

Compartilhar deste desejo é a grande contribuição que o escritor pode dar ao mundo, compartilhá-lo e buscá-lo com toda sua força, com toda sua alma, transcendendo o eu para conectar-se ao mundo e depois retornando de sua viagem para nos ensinar o caminho, através de suas palavras, de suas imagens, de sua poesia.

## **Manga com leite - n. 8 - consistência literária**

*O livro é o que desperta sua curiosidade; pensando bem, você até prefere que seja assim, deparar com algo que ainda não sabe bem o que é.*

Italo Calvino

O sexto valor literário que merece ser preservado neste milênio na opinião de Italo Calvino é a consistência. Infelizmente o autor faleceu antes de proferir suas leituras em Harvard, deixando apenas o manuscrito dos outros cinco valores, tratados nas colunas anteriores. Não irei lucubrar sobre qual seria o conteúdo desta sexta conferência, apenas tentar amarar, dar consistência, as idéias que este autor expressa em suas "Seis propostas para o próximo milênio".

Levitar sobre as coisas sem se desligar delas, construir pacientemente uma mensagem de imediatismo, associar o visível ao invisível, unificar os processos imaginativos e criar visões multifacetadas do mundo, sempre propondo-se objetivos desmesurados e consistentes são os valores literários defendidos por Calvino.

Para preservar estes valores, o escritor, o poeta, deve lançar-se numa infundável odisséia, percorrendo um árduo e intricado caminho, vagando entre o conhecimento científico e filosófico e a criação poética, imaginativa, recolhendo fragmentos de idéias diversas e unindo-os numa narrativa consistente, que seja capaz ao mesmo tempo de comunicar a essência das coisas e de expressar sua multiplicidade. Tudo isto através de uma obra que possa ser apreendida por todos, uma obra universal e que desperte nossa curiosidade.

Criar algo novo, que desconhecemos, mas que nos parece próximo, que nos diz algo, nos toca em algum lugar de nossa alma, transmitindo uma carga de conhecimento inúmeras vezes maior do que aquela que carrega e nos levando para fora do eu, numa viagem pelo que não tem palavra, transcendendo a própria linguagem e suas limitações. Para almejar a tudo isto o escritor deve vestir as armas de um herói lendário e enfrentar monstros e dragões, reais ou imaginários. Talvez seja esta a principal mensagem de Calvino, pelo menos para os jovens escritores que muitas vezes esperam uma solução mágica para suas obras, que a inspiração ou a simples vontade sejam o suficiente para a feitura de uma obra literária.

Italo Calvino busca com suas conferências lembrar aos novos escritores que existem valores que somente a literatura, ou principalmente esta, pode preservar, capacidades humanas fundamentais como a imaginação, a fantasia, a abstração, a multiplicidade de visões e percepções do real e a decifração de códigos e padrões. E que o papel da literatura neste milênio deve ser o de conservar os valores ligados a estas capacidades e ainda buscar novas possibilidades, novas formas de compreensão do mundo, que é, certamente, muito maior que nossos umbigos; tema que deixo para a próxima coluna.

## **Manga com leite - n. 9 - contra o umbigismo**

Vamos nesta coluna discutir a questão do "umbigismo", termo que pego emprestado de um amigo. Na última coluna, que fechou a apresentação das idéias de Italo Calvino, expostas nas suas "Seis propostas para o próximo milênio", disse que o mundo é, certamente, maior que nossos umbigos. Talvez esta frase final tenha ficado um pouco perdida, mas agora vamos tratar dela.

No primeiro número desta coluna, critiquei o que chamo de "literatura virtual" pela sua grande quantidade de textos ruins e pela escassez de textos criativos. Observem que disse "critiquei", diferentemente da interpretação equivocada, ou talvez distorcida, feita por alguns. Quero agora, apesar das reações que isto irá causar, atacar, com toda a fúria, a literatura do "umbigismo", coisa que nem deveria chamar de literatura.

Chamo de "umbigismo" o hábito nojento que muitos escritores "virtuais" têm de pensar que escrever sobre suas vidas, por mais interessantes e venturosas que estas sejam, possa ser considerado literatura. Lamento informar que não é. Literatura é muito mais do que isto, mas é bem provável que as pessoas que fazem isto o saibam, ou talvez não, afinal alguém que escreve, e publica, sobre o que tomou no café da manhã, ou como foi o show de "não sei quem", não pode ter lido sequer um bom livro, no máximo algo do imortal Paulo Coelho.

Penso que este número esteja um pouco agressivo e, apesar de não gostar muito de fazê-lo, vou justificar-me agora. Durante muito tempo tenho lido e comentado textos e fanzines publicados na internet. Neste tempo encontrei bons escritores, surpresas agradáveis e amigos interessantes. Mas também encontrei coisas muito ruins, algumas simplesmente indigestas, insuportáveis, porém, tentando manter um espírito aberto e compreensivo, comentei e tentei, disse tentei, discutir com todos os autores, bons e ruins.

Nestas conversas e discussões tentei de tudo, conselhos, indicações de leituras, colaborações e também broncas. Não sei dizer o que funcionou, talvez um pouco de cada, talvez nenhum. Sei apenas que muitas vezes uma palavra áspera, mesmo que não ajude a pessoa a encontrar o caminho, a faz parar e pensar. Muitas vezes, quando fiz isto, as pessoas simplesmente sumiram, espero que tenham parado de escrever, pois se o autor não está preparado para a crítica, seja ela construtiva ou destrutiva, não irá fazer uma boa obra. Outras vezes fui amaldiçoado ou ignorado, e uma ou duas vezes funcionou. Esta explicação parece-me agora estúpida, por isto paro por aqui, mas deixo-a para vocês.

Na próxima coluna volto a minha tentativa inútil de colaborar para uma nova e melhor literatura virtual, discutindo outras idéias sobre a criação literária.

## **Manga com leite - n. 10 - último sermão (?)**

*A literatura é uma atividade sem sossego.*

Antonio Candido

"Tenho medo de escrever. É tão perigoso. Quem tentou, sabe. Perigo de mexer no que está oculto - e o mundo não está à tona, está oculto em suas raízes submersas em profundidades do mar. Para escrever tenho que me colocar no vazio. Neste vazio é que existo intuitivamente. Mas é um vazio terrivelmente perigoso: dele arranco sangue. Sou um escritor que tem medo da cilada das palavras: as palavras que digo escondem outras - quais? Talvez as diga. Escrever é uma pedra lançada no poço fundo."

Este parágrafo, que retiro do livro *Um sopro de vida*, de Clarice Lispector, serve muito bem para fechar a primeira fase desta coluna. O escrever não pode e não deve ser visto como um simples capricho, uma brincadeira sem consequências. A literatura é coisa séria e perigosa, nas palavras de Antonio Candido: "... ela não é uma experiência inofensiva, mas uma aventura que pode causar problemas psíquicos e morais, como acontece com a própria vida, da qual é imagem e transfiguração."

Outro ponto importante, também colocado por Clarice, é a necessidade profunda, visceral, de escrever, de arrancar o próprio sangue para colocar no papel uma viva parte de sua alma, em busca de uma resposta. Assim, a literatura não apenas exige uma grande responsabilidade, como, antes de tudo, exige do escritor um sacrifício vital, uma vontade maior que ele próprio, que o impele com uma força inexplicável, rumo ao mistério das coisas, da vida e do próprio ser.

Esta responsabilidade da literatura e esta força criativa, inefável, que leva a construção do texto, devem ser pensadas como antecessoras dos valores colocados por Calvino e contrapostas ao que chamei de palhas e umbigos da literatura virtual. Escrever não deve ser um simples desabafo, nem mesmo a defesa de um ponto de vista particular, mas sim a busca de uma verdade possível, para o eu e para os outros.

Fecho este número com mais um trecho de Clarice, e com ele as colocações morais e ideológicas sobre literatura, pois nem você, muito menos eu, quer ouvir sermões disfarçados de crítica, ou seja lá o que for que faço nesta coluna. Deste modo, pretendo, no próximo número, iniciar uma análise dos métodos de criação e composição literária, tentando contribuir com aqueles que querem percorrer este duro caminho que é o escrever.

"Escrever existe por si mesmo? Não. É apenas o reflexo de uma coisa que pergunta. Eu trabalho com o inesperado. Escrevo como escrevo sem saber como e por quê - é por fatalidade de voz. O meu timbre sou eu. Escrever é uma indagação. É assim: ?"

## **Manga com leite - n. 11 - a filosofia da composição**

*Quoth the raven, "nevermore".*

"Nada é mais claro do que deverem todas as intrigas, dignas desse nome, ser elaboradas em relação ao epílogo antes que se tente qualquer coisa com a pena. Só tendo o epílogo constantemente em vista poderemos dar a um enredo seu aspecto indispensável de consequência, ou causalidade, fazendo com que os incidentes e, especialmente, o tom da obra tendam para o desenvolvimento de sua intenção." É a partir desta incisiva constatação que Edgar Allan Poe formula sua filosofia da composição, uma tentativa, segundo ele próprio, de preencher uma lacuna no mundo literário, que seja, a descrição metódica e detalhada do processo de composição.

Para dar conta desta tarefa, Poe escolheu sua obra mais conhecida, o poema "O corvo", salientando que "nenhum ponto de sua composição se refere ao acaso ou à intuição, que o trabalho caminhou, passo a passo, até completar-se, com a precisão e a sequência rígida de um problema matemático." Assim, Poe expõe os vários pontos considerados na construção de seu famoso poema, pontos estes que podem, ou devem, ser seguidos na composição de qualquer obra artística.

Iremos, nesta e nas próximas colunas, discorrer brevemente sobre cada um destes passos, com o intuito de expor um método de composição extremamente racional e estruturado, porém cientes das dificuldades de sua aplicação fiel. Mas deixemos esta questão de lado, pelo menos por agora, e vejamos as idéias iniciais do autor.

Muitos autores iniciam suas composições a partir de uma tese ou de um incidente de sua vida cotidiana, ou mesmo sentam-se e delineiam as ações que darão base a narrativa para depois preencher as lacunas com descrições. "Eu prefiro começar com a consideração de um efeito", assevera Poe, ou seja, ele começa sua composição escolhendo um efeito que o texto deve causar no leitor.

Porém, antes mesmo de determinar este efeito, Poe declara que tinha como intenção compor um poema que agradasse ao mesmo tempo público e crítica, intenção esta que partiu de uma necessidade específica do autor, devido a circunstâncias que, por serem sem importância na composição do poema em si, ele prefere não revelar. É a partir desta clara intenção, de construir uma obra perfeita em todos os aspectos, que Edgar Allan Poe faz suas escolhas em relação a extensão do poema, seu efeito e o tom da narrativa. Veremos com algum detalhe cada uma destas escolhas no próximo número.

## **Manga com leite - n. 12 - a intensidade do efeito**

*Quoth the raven, "nevermore".*

"A consideração inicial foi a da extensão. Se alguma obra literária é longa demais para ser lida de uma assentada, devemos resignar-nos a dispensar o efeito imensamente importante que se deriva da unidade de impressão, pois, se se requerem duas assentadas, os negócios do mundo interferem e tudo o que se pareça com totalidade é imediatamente destruído. Mas, visto como, *ceteris paribus*, nenhum poeta pode permitir-se dispensar qualquer coisa que possa auxiliar seu intento, resta a ver se há, na extensão, qualquer vantagem que contrabalance a perda de unidade resultante. Digo logo que não há." Tomando como intenção compor um poema que agradasse público e crítica, Edgar Allan Poe considera que a extensão ideal para sua obra deve estar limitada a uma assentada, impedindo assim que o leitor se afaste da atmosfera do poema e aumentando a intensidade de seu efeito, "pois é claro que a brevidade deve estar na razão direta da intensidade do efeito pretendido, e isto com uma condição: a de que certo grau de duração é exigido, absolutamente, para a produção de qualquer efeito."

Evidentemente, esta opção por uma curta extensão está ligada a intenção do autor, que percebe a intensidade da obra como fator importante para sua completa perfeição. A perda de unidade, descartada por Poe em quase todas as suas obras, pode sim apresentar algumas vantagens claras, como acontece com textos que exigem uma leitura mais fragmentada, seja pela complexidade de suas idéias - o próprio ensaio "Eureka" de Poe seria um exemplo -, ou pela necessidade de acúmulo de informações para levar a cabo o efeito da narrativa, típico recurso do romance.

Optando então pela intensidade do efeito único, Poe passa a considerar qual seria este efeito ou impressão obtido com o poema, tendo como premissa que "a Beleza é a única província legítima do poema." Para justificar esta opinião, ele coloca que: "Quanto ao objetivo Verdade, ou a satisfação do intelecto, e o objetivo Paixão, ou a excitação do coração, são eles muito mais prontamente atingíveis na prosa, embora também, até certa extensão, na poesia. A Verdade, de fato, demanda uma precisão, e a Paixão uma familiaridade (...) que são inteiramente antagônicas daquela Beleza que, asseguro, é a excitação ou a elevação agradável da alma."

Mas qual seria o tom que mais manifesta a impressão de Beleza, que intensifica seu efeito? Poe responde a esta pergunta dizendo que: "todas as experiências têm demonstrado que esse tom é o da tristeza", que a melancolia é "o mais legítimo de todos os tons poéticos".

Iniciando com uma clara intenção, Poe passa a determinar a extensão, o efeito e o tom para sua composição. Somente então ele passa a pensar na construção propriamente dita da obra, como veremos no próximo número.

## Manga com leite - n. 13 - a variação da aplicação

*Quoth the raven, "nevermore".*

"Estando assim determinados a extensão, a província e o tom, entreguei-me à indução normal, a fim de obter algum efeito artístico agudo que me pudesse servir de nota-chave na construção do poema, algum eixo sobre que toda a estrutura devesse girar." Sempre tendo em mente o efeito desejado, Edgar Allan Poe encontra como nota-chave mais apropriada o uso do refrão, no caso específico de "O corvo", um refrão de uma só palavra, o que facilitaria a aplicação com sentidos variados. Mas qual seria então o caráter desta palavra? Optando pelo refrão, forçosamente o poema teria de ser dividido em estâncias, sendo esta palavra o fecho de cada uma, fecho que deveria ser "sonoro e suscetível de ênfase prolongada", como o "o" prolongado.

"Ficando assim determinado o som do refrão, tornou-se necessário escolher uma palavra que encerrasse esse som e, ao mesmo tempo, se relacionasse o mais possível com a melancolia predeterminada como o tom do poema." Sem muitas dificuldades Poe encontra a palavra certa: "nevermore". Para possibilitar a constante repetição desta palavra, como pretendido, ele opta por uma criatura irracional, capaz de falar, ou imitar a fala humana e que contribua com a atmosfera desejada, encontrando assim sua primeira personagem, aquela que durante todo o poema repetiria a palavra-refrão "nevermore".

"Eu já havia chegado à idéia de um corvo, a ave do mau agouro, repetindo monotonamente a expressão 'nunca mais' na conclusão de cada estância de um poema de tom melancólico e extensão de cerca de cem linhas. Então, jamais perdendo de vista o objetivo - o superlativo, ou a perfeição em todos os pontos -, perguntei-me: 'de todos os temas melancólicos, qual, segundo a compreensão universal da humanidade, é o mais melancólico?' A morte - foi a resposta evidente. 'E quando - insisti - esse mais melancólico dos temas se torna o mais poético?' Pelo que já explanei, um tanto prolongadamente, a resposta também aí era evidente: 'Quando ele é, inquestionavelmente, o mais poético tema do mundo e, igualmente, a boca mais capaz de desenvolver tal tema é a de um amante despojado de seu amor'."

Restava apenas combinar as duas idéias, as duas personagens, o corvo que repete o refrão "nevermore" e o amante que lamenta a morte de sua amada. Para isto, e como modo de utilizar o desejado efeito da variação da aplicação do refrão, de seu sentido, Poe resolve unir num mesmo aposento as duas personagens e coloca o amante a inquirir o corvo. No próximo número veremos como começa o poema.

## **Manga com leite - n. 14 - começar pelo fim**

*Quoth the raven, "nevermore".*

"Percebendo a oportunidade que assim se me oferecia - ou, mais estritamente, que se me impunha no desenvolver da composição -, estabeleci na mente o clímax ou a pergunta conclusiva: aquela pergunta de que o 'nunca mais' seria, pela última vez, a resposta, aquela pergunta em resposta à qual o 'nunca mais' envolveria a máxima concentração possível de tristeza e de desespero.

"Aí, então, pode-se dizer que o poema teve seu começo: pelo fim, por onde devem começar todas as obras de arte; porque foi nesse ponto de minhas considerações prévias que, pela primeira vez, tomei do papel e da pena para compor a estância:

'Profeta! Exclamo. Ó ser do mal! Profeta sempre, ave infernal!  
Pelo alto céu, por esse deus que adoram todos os mortais,  
fala se esta alma sob o guante atroz da dor, no Éden distante,  
verá a deusa fulgurante a quem nos céus chamam Lenora,  
Essa, mais bela do que a aurora, a quem nos céus chamam Lenora!'  
E o corvo disse: 'nunca mais'."

Edgar Allan Poe começa então seu mais famoso poema, "O corvo", pelo final, pelo clímax de seu efeito pretendido, podendo assim compor o restante da obra em função deste efeito e de seu intenção inicial.

Durante este processo de composição da obra completa o autor certamente enfrentou outras difíceis questões, algumas delas colocadas em seu ensaio "A filosofia de composição", sobre o qual discorri nestes últimos números. Dentre estas questões quero ainda apontar duas.

A primeira é sobre a originalidade, diz o autor: "A verdade é que a originalidade (...) de modo algum é uma questão, como muitos supõem, de impulso ou de intuição. Para ser encontrada, ela, em geral, tem de ser procurada trabalhosamente e, embora seja um mérito positivo da mais alta classe, seu alcance requer menos invenção que negação."

A segunda questão, com a qual fecho esta série, diz respeito ao "excesso do sentido sugerido". Para Poe a narração deve possuir duas fases, uma primeira que é evidente, tem um fim natural e não ultrapassa os limites do real. A segunda seria uma subcorrente de sentido indefinido, apenas sugestivo, que é aquela que dá a uma obra de arte sua riqueza. Mas deixa também esta questão da sugestividade para outro momento mais oportuno.

Nos próximos números continuarei a falar de técnicas de composição, tentando fazer uma comparação com esta estruturada filosofia de Poe e tirar algumas conclusões sobre o fazer literário.

## **Manga com leite - n. 15 - "peixe solúvel"**

*"Não é o medo da loucura que nos vai obrigar a  
hastear a meio-pau a bandeira da imaginação"*

André Breton

O surrealismo, uma das mais radicais e fecundas vanguardas europeias do século XX, desenvolve-se como parte do dadaísmo, ao qual veio a se opor na medida em que o pensamento do grupo substituiu a negação pela idéia de libertação. O projeto dadaísta, destrutivo por excelência e avesso a qualquer programa ou proposta, acaba por evidenciar certa esterelidade a qual se oporá o manifesto surrealista, que visava encontrar a positividade do homem e da vida.

O pensamento surrealista buscava um lirismo novo, moderno e subversivo, ao qual fez eco o culto poético do mal como rebelião dialeticamente necessária a luta pela liberdade, anteriormente praticado pelos autores românticos. O grupo surrealista pretende perceber nos signos do cotidiano as revelações do fantástico, o que equivale a demonstrar que o mundo do acaso e da imaginação pode suplantar o que se considera real. Assim, os mundos dominados pelo fantástico revelam-se projeções do eu interior. Inspirado em Freud, o líder e autor do manifesto surrealista, André Breton, diz: "o que há de admirável no fantástico é que já não há fantástico: não há senão o real".

No centro deste novo pensar sobre a arte estava um severo julgamento da literatura e uma forte disposição no sentido de explorar a linguagem de um outro modo. A literatura, disse Breton numa frase que se tornaria famosa, "é um dos mais tristes caminhos que levam a toda parte". Libertar as palavras das suas lamentáveis rotas habituais, que haviam reduzido a escrita a uma coleção de "alíbis literários", foi uma tarefa a qual os surrealistas se entregaram com obstinação. Porém, desde os primórdios de sua história, mais e mais eles pareciam trabalhar a seu favor.

Em "les champs magnétiques", que seria publicado no primeiro número da Littérature, revista inicial do movimento e de título bastante irônico, Breton e Soupault deixavam claro seu "louvável desprezo por qualquer efeito que fosse considerado literário". Porém, mais que mera negação de espírito dada, o texto já se apresentava como resultado de uma nova experiência em termos de escrita: elaborada em condições especiais, essa composição a quatro mãos foi criada em apenas quinze dias num café em Paris, onde os autores passavam de oito a dez horas diárias escrevendo até a exaustão, sem observar qualquer preocupação de ordem lógica.

Aos olhos do grupo, a escrita automática surgia, portanto, como a grande alternativa a literatura. Uma vez descoberta, ela se tornou a palavra de ordem surrealista, abrindo a possibilidade do exercício da escrita fora dos parâmetros indesejáveis de qualquer linguagem que fosse considerada "literária".

## **Manga com leite - n. 16 - escrita automática**

*"Viver e deixar de viver é que são soluções imaginárias. A existência está em outro lugar."*

André Breton

"Mande trazer com que escrever, quando já estiver colocado no lugar mais confortável possível para concentração do seu espírito sobre si mesmo. Ponha-se no estado mais passivo ou receptivo, dos talentos de todos os outros. Pense que a literatura é um dos mais tristes caminhos que levam a tudo. Escreva depressa, sem assunto preconcebido, bastante depressa para não reprimir, e para fugir à tentação de se reler. A primeira frase vem por si, tanto é verdade que a cada segundo há uma frase estranha ao nosso pensamento consciente pedindo para ser exteriorizada. É bastante difícil decidir sobre a frase seguinte: ela participa, sem dúvida, a um só tempo, de nossa atividade consciente e da outra, admitindo-se que o fato de haver escrito a primeira supõe um mínimo de percepção. Isto não lhe importa, aliás; é aí que reside, em maior parte, o interesse do jogo surrealista. A verdade é que a pontuação se opõe, sem dúvida, à continuidade absoluta do vazamento que nos interessa, se bem que ela pareça tão necessária quanto a distribuição dos nós de uma corda vibrante. Continue enquanto lhe apraz. Confie no caráter inesgotável do murmúrio. Se o silêncio ameaça cair, por uma falta de inatenção, digamos, que o leve a cometer um pequeno erro, não hesite em cortar uma linha muito clara. Após uma palavra cuja origem lhe pareça suspeita, ponha uma letra qualquer, a letra "i", por exemplo, sempre a letra "i", restabeleça o arbitrário, impondo esta letra como inicial à palavra que vem a seguir." Este é o primeiro segredo da arte mágica surrealista, exposto por André Breton no manifesto de 1924, e que ele chama de "composição surrealista escrita, ou primeiro e último jato".

A escrita automática, já ilustrada na coluna anterior, coloca-se como a proposta libertadora do grupo surrealista para uma literatura tomada pelo marasmo de descrições enfadonhas e sistemáticas, incapazes de transmitir o que quer que fosse ao leitor e sepultando a capacidade criativa dos autores. Porém, como todo método de composição, principalmente os mais radicais e herméticos, a escrita automática se mostra também de difícil aplicação e gera resultados muitas vezes sofríveis. Mesmo assim, a contribuição do grupo para uma nova percepção da literatura e das possibilidades da linguagem é indiscutível, sendo a pregada oposição entre literatura e escrita automática mais uma postura ideológica do que efetiva. Leitores incansáveis, esses escritores inveterados jamais deixaram de frequentar a literatura, fazendo dela o celeiro de suas inquietações. Em suma, como já observou Michel Beaujour, "era impossível ultrapassar a literatura, na medida em que a literatura desempenhava um papel necessário para se anunciar a boa nova de que a literatura tinha sido superada por algo que se intitulava surrealismo".

## **Manga com leite - n. 17 - máquina de escrever**

*"Ora, essa inspiração que consiste em obedecer cegamente a todo impulso é na verdade uma escravidão. O clássico que escreve sua tragédia observando certo número de regras que conhece é mais livre que o poeta que escreve o que lhe passa pela cabeça e é escravo de outras regras que ignora."*

Raymond Queneau

Para fechar este rápido apanhado de abordagens sobre a composição literária, vamos tratar nesta e na próxima coluna do grupo Oulipo. Fundado em 1960 pelo escritor francês Raymond Queneau, o Oulipo (atelier de literatura potencial) adota uma postura contrária aquela do surrealismo, propondo uma série de regras para a escrita. Porém, estes dois grupos exploraram as possibilidades literárias num mesmo sentido, enfatizando o processo de criação e a participação do leitor na obra. A literatura potencial procura aumentar este efeito idealizado pela escrita automática através da criação de novas estruturas de natureza matemática ou novos procedimentos para a atividade literária, como eles mesmos definiram, o objetivo do grupo é produzir inspiração ou algum tipo de ajuda a criatividade.

Os membros do Oulipo colocam que é mais importante para o autor o processo de criação da obra do que escrevê-la em si. Assim, as regras criadas pelo grupo devem ser vistas como um instrumento para aceder a algum tipo de realidade não significada a qual era impossível chegar por meio de uma escrita direta, realidade que Georges Perec, principal autor do grupo junto com Italo Calvino, chama de inconsciente ou caráter mágico das palavras. Em segundo lugar, as regras são vistas pela maioria dos oulipianos como somente o começo da campanha de escritura; existem várias etapas de correção, recriação e invenção, que são responsáveis pelo caráter literário das obras do grupo.

Unindo-se ao grupo a partir de 1973, Italo Calvino, baseado nas idéias estruturalistas em voga, acreditava que não havia forma melhor de representar a narrativa que uma máquina de escrever. Ao se perguntar sobre as características dessa máquina, ele responde que ela deveria ter certas regras, que deveriam ser sempre quebradas. Afinal, o seu funcionamento corresponderia a um ideal humano, que nunca deixa de mudar e provocar novas conjunturas. A máquina, neste sentido, estaria em permanente estado de insignificação e em permanente necessidade de ressignificação, assim como o mundo e o próprio processo de composição.

## **Manga com leite - n. 18 - literatura potencial**

*"Quem somos nós, quem é cada um de nós senão uma combinatória de experiências, de informações, de leituras, de imaginações? Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser completamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis."*

Italo Calvino

As novas estruturas criadas pelo grupo Oulipo, chamadas por eles de *contraintes*, que pode significar regras formais ou restrições, sempre existiram e estiveram presentes na atividade literária, como por exemplo no verso alexandrino ou no soneto. Também os jogos de palavras constituiriam regras formais, como o lipograma (escrever sem o uso de determinada letra) ou o monovocalismo (escrever com apenas uma vogal).

Os trabalhos do Oulipo seguiam duas linhas de pesquisa: a analítica e a sintética. Com a primeira, os oulipianos pretendiam procurar nas obras do passado regras formais ainda não completamente exploradas. Dentro desta linha, vários autores foram apontados como "plagiários por antecipação" do Oulipo, entre os que se destacam Racine e Raymond Roussel.

A segunda linha era mais audaciosa: tinha o fim de criar novas regras. Uma nova *contrainte* podia ser criada a partir da exploração de uma antiga, assim, o procedimento S+7 - que consiste em substituir cada substantivo de um texto pelo sétimo substantivo seguinte no dicionário - é inspirado no isossintaxismo (escrever um texto com a mesma estrutura sintática de outro), para dar apenas um exemplo.

A partir de 1966, com a entrada no grupo dos escritores Georges Perec, Jacques Roubaud e, mais tarde, de Italo Calvino, ao invés de apenas fornecer novas estruturas ou inspirações para outros escritores, os integrantes do Oulipo passam a experimentar eles próprios as regras formais. Assim, as regras formais já não são apenas uma restrição para a composição da narrativa, elas determinam a estrutura e o conteúdo daquilo que é contado, como é o caso de "A vida modo de usar", livro no qual Perec estabeleceu em primeiro lugar que ele gostaria de escrever a história de todos os cômodos de um determinado prédio. Para isso, ele desenhou uma planta horizontal de um edifício e superpôs a essa planta um tabuleiro de xadrez. Depois ele resolveu o problema da "poligrafia do cavalo", no qual o cavalo deve percorrer as cem casas do tabuleiro sem repetir nenhuma. Essa poligrafia determinou a ordem dos relatos do romance, sendo que cada um corresponderia a um capítulo do livro, que tem 99 capítulos, deixando o último como uma brecha para o leitor. Foram definidas também a partir deste problema as intrigas, as personagens, suas atividades e todos os elementos narrativos do romance.

## **Manga com leite - n. 19 - a favor do método**

Nos últimos números desta coluna foram apresentadas três abordagens diferentes em relação ao processo de composição artística, e mais especificamente literária. Vamos discutir aqui as diferenças e semelhanças destas propostas e principalmente a necessidade de estudo e utilização de um método para se escrever.

Há dois séculos atrás, Edgar A. Poe introduzia uma prática que até hoje é pouco comum no Brasil - apesar de ter se tornado um objeto de estudo acadêmico nos Estados Unidos, onde existem diversos cursos sobre criação literária, que formam milhares de escritores que atuam em diversos setores -, o estudo e a demonstração sistemática do processo criativo utilizado por um autor na composição de sua obra. Em sua "Filosofia da composição" Poe expõe detalhadamente as etapas que seguiu na composição de sua mais famosa obra, o poema "O corvo". Como vimos em números anteriores, o processo criativo de Poe é extremamente racional, metódico e objetivo, partindo da determinação de um efeito desejado, o autor deve escolher os elementos narrativos que compõem uma obra, como sua extensão e o tom utilizado.

Seguindo uma linha oposta, o grupo surrealista manifesta seu descontentamento com os métodos clássicos, estruturados, que limitam a criatividade do autor e a participação do leitor no processo de composição da obra. Propondo um método que valoriza o irracional, o instintivo, a imaginação e as livres associações, André Breton e seus companheiros querem libertar o escritor da literatura, criando algo novo, que seria chamado de escrita automática. Como vimos também em números anteriores, este novo método se torna uma contribuição fundamental para a literatura e as artes em geral, sendo responsável pelo surgimento dos movimentos e obras que marcaram o século passado.

Adentrando ainda mais a idéia de inserir o leitor no processo da criação da obra, deixando que este não apenas o perceba ao ler o texto, mas também possa interagir com ele, o Oulipo retoma a proposta do método estruturado, racional, colocando que o autor que determina as regras que irá seguir é mais livre que aquele que segue regras que desconhece. Assim, Raymond Queneau e seus colegas estudam e criam diversas regras para se escrever, criando o que é chamado de literatura potencial, como já vimos nesta coluna.

Todos estes métodos, que representam aqui diversos outros existentes, têm como objetivo facilitar e impulsionar o processo criativo. Seja através de caminhos mais racionais e estruturados, seja através de escolhas arbitrárias, percebe-se que a teoria da composição caminha sempre em torno de um método definido, que cada vez mais procura inserir o leitor no processo criativo. O estudo e conhecimento destes métodos e o exercício da escrita através deles pode ser importante ferramenta para a formação de novos escritores, que devem, obviamente, construir seu próprio método de criação, sem precisarem porém de recriar a roda.

## **Manga com leite - n. 20 - último sermão**

*"Gosto de dizer. Direi melhor: gosto de palavrar. As palavras são para mim corpos tocáveis, sereias visíveis, sensualidades incorporadas."*

Fernando Pessoa

Para alegria de muitos e tristeza de poucos (ou nenhum) este será o último número desta coluna, por isto se preparem para o sermão, agora sim o último.

No primeiro número ataquei o que chamo de literatura virtual, coisa que percebo agora que não existe e talvez não venha a existir. Muitos ficaram ofendidos e acabei por tentar amenizar as coisas, mas agora vou voltar ao ataque.

Em todos estes meses que venho expondo propostas, métodos e opiniões sobre literatura e a criação literária não tive o prazer de receber comentários, críticas ou mesmo textos que procurassem dialogar com que o foi escrito nesta coluna. Tirando alguns resmungos e tapinhas nas costas, o silêncio foi total. Talvez porque ninguém leia o que é publicado na internet - o que me parece bem provável, motivo pelo qual estou certo que a literatura virtual não existe, afinal, para ser literatura é preciso que haja um leitor, pelo menos um! -, talvez porque ninguém tenha opinião sobre o que lê - um dos grandes problemas deste país e do ser humano em geral -, talvez porque escrevo mal e de modo maçante. Seja lá o que for, deixo aqui minha última mensagem, ou sermão, e espero por aqueles que se interessam por literatura e acham que posso ter uma ou outra idéia razoável sobre a questão se manifestem e que o resto se cale para sempre (ou vá para a merda mesmo!).

Depois desta provocação (que pode até ser desnecessária, como alguns tentam me mostrar), tento agora ser construtivo, como gostam de dizer.

Concordando com Pessoa, aliás não há atitude melhor, e com todos os autores que citei nesta coluna, desde o saudoso Bebeléu (fica aqui minha homenagem a este que foi o maior compositor da música brasileira), passando por Calvino, Poe, Clarice, Antonio Candido e muitos outros, peço apenas que vocês, novos e futuros escritores, gostem de escrever, lutem com as palavras, escrevam para salvar suas vidas e cientes da responsabilidade inerente ao ato de escrever. Sejam cuidadosos e impulsivos, loucos e racionais, visionários e analíticos, poetas e leitores, e acima de tudo: "Pessoas".

Fico por aqui, certo de que o manga com leite provocou a indigestão tão pregada pelos fazendeiros do passado, ou seja, nenhuma, mas de que foi um prazer tentar e um aprendizado escrever estas linhas tortas e capengas. Fica meu abraço para aqueles que leram e meu obrigado para os que publicaram esta coluna. Nos vemos na inferno, ou talvez na internet mesmo.

**Daniel Gomes**  
**maledictu@yahoo.com**